



Narrativas do *Correio Oficial* de Goiás sobre a pandemia da gripe espanhola de 1918

Rosana Maria Ribeiro Borges¹.
Kalyne Menezes²

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação, Curso de Jornalismo e Programa de Pós-Graduação em Comunicação, sendo, respectivamente, professora e doutoranda.

Resumo: A pesquisa debruça-se sobre as narrativas do jornal *Correio Oficial* (GO) acerca da pandemia de gripe espanhola que assolou o mundo, o Brasil e Goiás nas primeiras décadas do século XX. Especificamente, focou-se nos conteúdos difundidos pelo periódico no ano de 1918. Por se alicerçar no campo da historiografia do jornalismo goiano, o principal corpo teórico dialoga com autores ligados à História Cultural, especialmente da imprensa. De abordagem qualitativa, o estudo está amparado na Análise Cultural enquanto principal instrumento metodológico e aponta a pesquisa documental e a análise de narrativas como instrumentos de coleta e tratamento dos dados. As considerações apontam para repetições históricas, uma vez que muito do contexto que se vivenciou em 1918 repete-se no ano de 2020, no que concerne à pandemia ocasionada pela Covid-19.

Palavras-chave: Correio Oficial de Goiás; Gripe espanhola; Isolamento Social; Quarentena; História da Imprensa Goiana.

1. Considerações iniciais

¹ Pós-Doutora em Comunicação e Cultura (PPGCOM-ECO-UFRJ), doutora em Geografia (PPGEO-IESA-UFG), mestra em Educação Brasileira (PPGE-FE-UFG), bacharel em Comunicação Social (UFG). Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: rosana_borges@ufg.br.

² Doutoranda em Comunicação e mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG), bacharel em Jornalismo pela FIC-UFG. E-mail: mskalyne@gmail.com.

A presente pesquisa foi estruturada no conjunto das produções do *Grupo de Pesquisa História da Comunicação em Goiás*³ visando contribuir tanto com a historiografia cultural do jornalismo goiano, quanto com a temática central do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo que, em 2020, versa sobre o jornalismo e a democracia em tempos de pandemia. O principal objetivo do estudo foi investigar as narrativas presentes do jornal *Correio Oficial* de Goiás no ano de 1918, especificamente no que concerne à gripe espanhola.

Por ser um estudo historiográfico, a principal estrutura teórica dialoga com pesquisadores que se debruçam sobre a História Cultural e a História da Imprensa no Brasil e em Goiás, uma vez que se compreende que os jornais são documentos dos quais emergem narrativas, discursividades e, nos dizeres de Ricoeur (2010), representâncias. Noutros termos, tem-se a perspectiva de que o passado está presente nas páginas dos impressos, cujos conteúdos, de acordo com Williams (2003), perpassam por três dimensões da cultura: a vivida em dado espaço e tempo; a registrada em contextos históricos e a convertida em tradição seletiva na qual certos temas adquirem maior ou menor visibilidade, enquanto outros são silenciados. No caso do objeto em questão, trata-se de um assunto que obteve grande visibilidade desde o final de 1918: a pandemia da gripe espanhola no contexto geral do território goiano.

De abordagem qualitativa, a investigação foi alicerçada na Análise Cultural como método de abordagem e contou com o Levantamento Bibliográfico, a Pesquisa Documental e a Análise de Narrativas como os principais instrumentos de coleta, sistematização e exposição dos dados. A opção pelo caráter qualitativo deu-se por causa da natureza da investigação, focalizada em particularidades e níveis de registro de realidades que não são possíveis de serem quantificados. Segundo Minayo (2001, p. 22) a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”, o que muito se aproxima do estudo realizado.

³Cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e certificado pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Link para acesso: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9894177026176850.

Em relação ao método de abordagem, partilha-se dos apontamentos de Williams (2003) que diz que a Análise Cultural é capaz de apontar interpretações históricas reveladoras de valores específicos e experiências existenciais porque possibilita abordagens conjunturais articuladoras da produção e do consumo cultural.

Conforme foi pontuado, dentre os instrumentos de coleta e tratamento de dados, além do levantamento bibliográfico, utilizou-se a Pesquisa Documental, concebida por Moreira (2005, p. 271) como a “[...] identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”. Particularmente, esse instrumento contribuiu para a seleção dos textos publicados pelo *Diário Oficial* de Goiás que compuseram a base empírica do estudo, que foram acessados por meio do sistema de busca da *Hemeroteca Digital Brasileira* da *Biblioteca Nacional*⁴. A principal palavra-chave pesquisada foi “gripe”, com recorte temporal em 1918.

Já o outro instrumental aplicado à investigação foi a Análise das Narrativas, apontada por Motta (2007, p. 146) como “[...] um campo e um método de análise das práticas culturais” possibilitador da construção de conhecimentos tanto objetivos quanto subjetivos capazes de articular o passado, o presente e o futuro. A partir dessa concepção, procurou-se identificar e analisar elementos do contexto histórico da gripe espanhola em edições de um periódico goiano que circularam em 1918, mas que, resguardadas as devidas proporções históricas, também se fazem presentes na pandemia de Covid 19 vivenciada pela humanidade em 2020.

O texto tem início com uma breve contextualização da gripe espanhola nas primeiras décadas do século XX em escala mundial, nacional e regional; localiza historicamente o jornal *Correio Oficial* de Goiás; apresenta as narrativas deste periódico sobre a gripe espanhola em 2018 e tece as considerações finais, um convite ao repensar histórico e à percepção de que o passado está mais vivo do que muitas vezes se imagina.

2. A gripe espanhola de 1919: a pandemia que assustou o mundo

⁴ Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>.

Inicialmente, a gripe espanhola foi confundida com diversas doenças, como cólera, dengue e tifo, embora seu diagnóstico fosse ainda incerto. A origem da doença estava ligada à Europa e África, e a primeira onda provavelmente ocorreu em março de 1918, durante a Primeira Guerra Mundial, com uma baixa taxa de mortalidade. Souza (2008) afirma que, depois disso, foram registradas mais duas ondas da gripe espanhola, sendo que a segunda foi altamente virulenta, levando a doença para o mundo, e a terceira, com duração entre janeiro de 1919 e finalização no ano seguinte, menos letal mas igualmente contagiosa em diversas regiões do planeta.

A gripe espanhola atingiu entre 50 e 100 milhões de pessoas em todo o planeta e matou cerca de 17 milhões de indivíduos em um período de oito meses. Diferente da maioria dos países, a Espanha era o único que assumia os efeitos da doença e não tentava minimizar ou suavizar os impactos da gripe, donde surgiu o nome “gripe espanhola”. Goulart (2005) afirma que o nome “espanhola” também carrega razões políticas, referentes à posição de neutralidade da Espanha na Primeira Guerra Mundial, mas que não tem necessariamente a ver com o lugar de origem da doença, que, segundo vários autores, ainda é incerto. O autor pontua ainda que, com a guerra ainda em curso, vários países censuraram a notícia da epidemia, já que a doença agravou profundamente a capacidade dos exércitos e, por isso, foi conhecida primeiramente como febre das trincheiras.

No Brasil, a gripe espanhola provavelmente chegou em setembro de 1918 por meio do navio Demerara, onde desembarcaram infectados em Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Entre outubro e dezembro de 1918, período considerado endêmico, 65% da população adoeceu, e o número de mortos chegou a 14 mil no Rio de Janeiro e 2 mil em São Paulo (ROCHA, 2006).

Souza (2008) assegura que as primeiras notícias sobre a gripe espanhola que circularam no Brasil traziam dados da Europa, dos Estados Unidos e de outros países em angulações narrativas que geralmente causavam comoção mas não geravam ação preventiva, já que os brasileiros se consideravam imunes à doença. Já Goulart (2005) argumenta que a gripe espanhola era tratada com pouco caso e as notícias que circulavam na época atribuíam à infecção um tom de descaso, de anedota ou de conspiração. Muitos jornais reproduziam os discursos de imunidade e até mesmo se baseavam em fatos infundados, como por exemplo as acusações de que a moléstia havia sido uma invenção

dos alemães que, por meio dos seus submarinos, teriam espalhado a enfermidade pelo mundo.

Essa confusão de informações também refletia medos da população, dos jornalistas e dos opositores ao governo que, diante de uma doença desconhecida para a qual os protocolos de saúde apregoavam o isolamento social, nutriam no imaginário social que tais medidas sanitárias poderiam ser pretextos para uma intervenção coercitiva na vida privada, como a que deu origem à Revolta da Vacina⁵. Goulart (2005, p. 104-105) explica que no decorrer da História “epidemias e ideologias se difundem da mesma forma, proporcionando o aparecimento de conflitos sociais e de resistência ao intervencionismo e às tentativas de medicalização da sociedade”.

No que concerne à imprensa goiana, foi somente no começo do mês de novembro de 1918 que os impressos começaram a publicar conteúdos a respeito da gripe espanhola, geralmente relacionados à proximidade da epidemia com as fronteiras do estado de Goiás, especialmente na região da estrada de ferro, conforme se verá mais adiante.

Embora não haja um número exato dos atingidos pela doença em Goiás, Oliveira (2005) afirma que o número de vítimas provavelmente foi maior que o noticiado pela imprensa oficial que, em fevereiro de 1919, registrou oitenta óbitos. O autor chega a especular que é provável que a doença tenha atingido 1% da população goiana que, na época, tinha em torno de 500 mil habitantes. O modo como o *Correio Oficial* noticiou a gripe espanhola, bem como as narrativas do impresso em prol do isolamento social é o que se abordará a seguir.

3. Contexto histórico do *Correio Oficial* de Goiás

A imprensa goiana emergiu no ano de 1830, por meio do jornal *A Matutina Meiapontense*, periódico do Comendador Joaquim Alves de Oliveira que circulou até 1834,

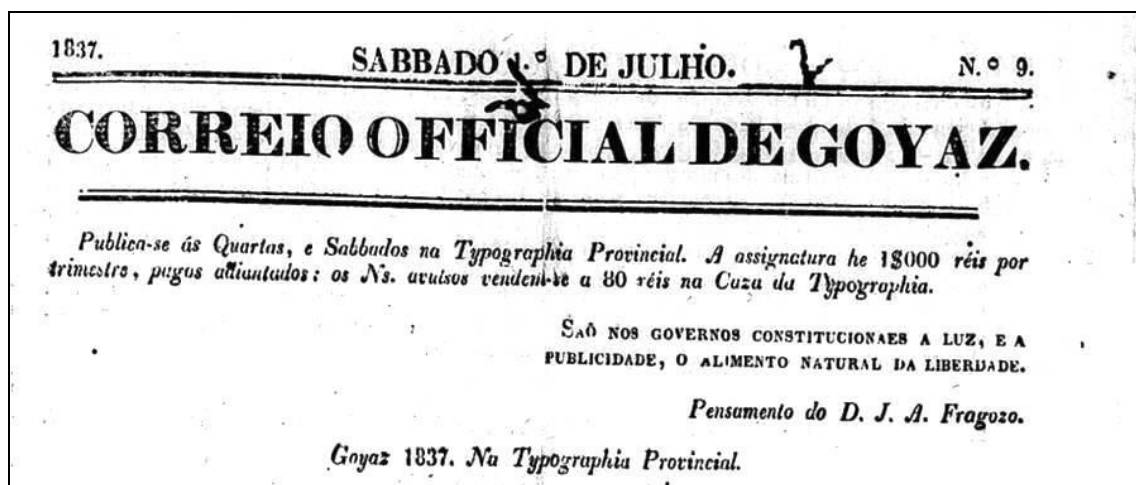
⁵ A Revolta da Vacina (1904) foi um movimento popular ocorrido no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, em decorrência da campanha de vacinação obrigatória contra a varíola, proposta pelo sanitarista Oswaldo Cruz e aprovada pelo governo. O povo já estava insatisfeito com outras ações do governo, como as reformas urbanas, e a obrigatoriedade da vacina foi o estopim para a insurreição popular, pois condicionava direitos civis como, trabalho e educação, à vacinação. A Revolta da Vacina prendeu 945 pessoas na Ilha das Cobras e deportou 461 para o Acre, além de deixar 30 mortos e 110 feridos.

cuja tipografia e redação situava-se no Arraial de Meia Ponte (atual cidade de Pirenópolis). Com o encerramento das atividades jornalísticas do primeiro impresso goiano, entre 1835 e 1837, a Assembleia Provincial comprou os equipamentos da *Typographia D'Oliveria* e deu início à *Typographia Provincial*, cuja primogênita produção no campo do jornalismo materializou-se no *Correio Official de Goyaz*, o segundo jornal registrado pela historiografia da imprensa goiana.

A historicidade do *Correio Official de Goyaz* é marcada por silenciamentos, já que o impresso ainda não foi analisado ou apenas é rapidamente registrado a partir do que Lobo (1949), Pina Filho (1971) e Teles (1980;1989) pontuaram, o que impõe ao presente estudo um desafio e, ao mesmo tempo, o pontua como uma relevante contribuição para a ampliação das narrativas constantes no segundo jornal goiano.

O *Correio Official de Goyaz* foi lançado em 03 de junho de 1837 e, como ocorreu em praticamente todos os veículos oficiais do país, com interrupções e reformulações, persiste até os dias de hoje. Inicialmente, o jornal circulava bissemanalmente, às quartas-feiras e aos sábados, com uma política de vendas que incluíam exemplares avulsos e assinaturas.

Figura 1: Cabeçalho da Edição nº 9 do *Correio Official de Goyaz*⁶



Fonte: Jornal *Correio Official de Goyaz*, ano I, n. 9, 01 jul., 1837, p. 1.

⁶ Tanto no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira quanto no do Arquivo Histórico Estadual de Goiás, o exemplar mais antigo do *Correio Official de Goyaz* é o de número 9.



Nos primeiros anos de existência, o cabeçalho do *Correio Oficial de Goyaz* trazia a seguinte epígrafe, assinada por D. J. A.: “Saõ nos governos constitucionaes a luz, e a publicidade, o alimento natural da liberdade”. A exemplo do que acontecia no jornal *A Matutina Meiapontense*, a frase que encabeçava o impresso da *Typographia Provincial* era um reforço ao pensamento iluminista ancorado na ideia de um Estado Constitucional, cuja publicização dos atos corroborava com a liberdade, um dos princípios basilares do Liberalismo. Noutros termos, em que pese ser um periódico oficial, o *Correio* nasceu com um escopo liberalista-constitucionalista e, ao menos até a primeira metade do século XX, manteve um perfil opinativo, enciclopédico e factual, cujos conteúdos, portanto, ultrapassavam os atos administrativos do executivo e do legislativo goianos.

Nos levantamentos bibliográficos e documentais realizados, percebeu-se que, até por volta de 1940, a circulação do impresso oficial de Goiás foi interrompida e resgatada diversas vezes, contando com terceirizações em jornais particulares, especialmente no século XIX, e ainda com alterações de nomenclatura. Ao todo, foram contabilizadas nove mudanças significativas, quais sejam:

Quadro 1 – Síntese das principais alterações no periódico da imprensa oficial de Goiás desde 1847

| NOME DO PERIÓDICO | CIRCULAÇÃO | TIPOGRAFIA / LOCAL DE CIRCULAÇÃO |
|-----------------------------------|----------------------------|--|
| Correio Oficial de Goyaz | 03/06/1837 a 28/12/1853 | Typographia Provincial – Cidade de Goiás |
| O Tocantins | 06/01/1855 a 06/01/1857 | Typographia Goyazense – Cidade de Goiás |
| Gazeta Oficial de Goyaz | 11/03/1858 a ?/?/1864 | Typographia Provincial – Cidade de Goiás |
| Correio Oficial | 11/05/1864 a 26/04/1890 | Typographia Provincial – Cidade de Goiás |
| Semanario Oficial | 04/10/1894 a 15/02/1909 | Typographia Perseverança – Cidade de Goiás |
| Correio Oficial | 11/01/1911 a 16/03/1936 | Typographia do Goyaz – Cidade de Goiás |
| Correio Oficial | 08/04/1936 a 11/01/1944 | Informação não encontrada – Goiânia |
| Diário Oficial do Estado de Goiás | 12/01/1944 a 15/01/2017 | Informação não encontrada – Goiânia |
| Diário Oficial do Estado de Goiás | 16/01/2017 aos dias atuais | Não se aplica pelo formato ser Digital <i>online</i> |

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir do acervo dos jornais, de Lobo (1949), Pina Filho (1971) e Teles (1980;1989).

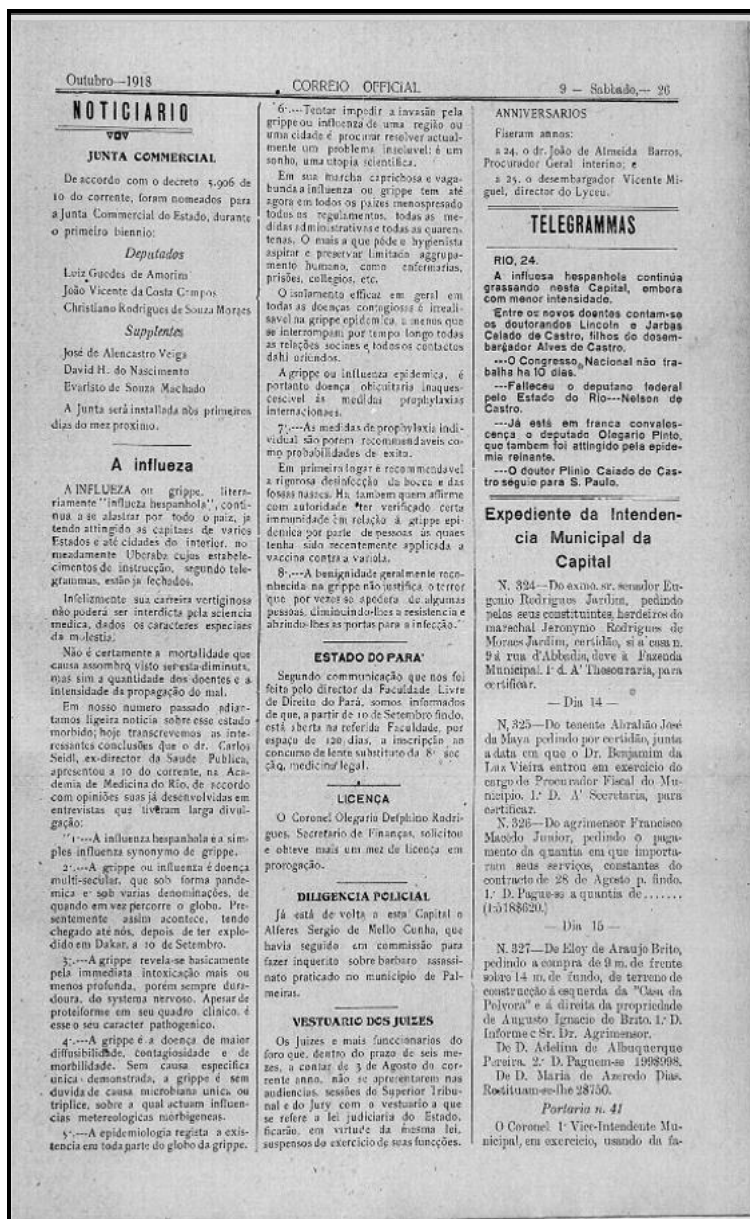
O Quadro 1 indica que, após ter sido terceirizado para o jornal *Semanario Oficial*, de 1911 a 1936 o jornal foi denominado como *Correio Oficial*, motivo pelo qual adotou-se esta nomenclatura no presente texto, que, como dito, analisa as narrativas sobre a gripe espanhola constantes em exemplares que circularam no ano de 1918, conforme se verá a seguir.

3. As narrativas do *Correio Oficial* em prol do isolamento social durante a pandemia da gripe espanhola nas primeiras décadas do século XX

A pesquisa documental realizada por meio do mecanismo de busca no acervo do *Correio Oficial* constante na Hemeroteca Digital Brasileira indica que a gripe espanhola, grafada pelo jornal como “grippe influenza”, “grippe influeza”, “grippe hespanhola”, “influeza hespanhola” ou “influenza hespanhola” esteve na pauta do dia por três anos consecutivos, com início em outubro de 1918 e fim em novembro de 1921.

O primeiro conteúdo do *Correio Oficial* que versava sobre a gripe espanhola ocupou a metade nona página do número 193, veiculado em 26 de outubro de 1918. O texto, que não era assinado, foi intitulado “A Influeza” e, conforme se verá a seguir, dissertou sobre a doença com profundidade e preocupação.

Figura 2: Primeiro texto sobre a gripe espanhola veiculado no *Correio Oficial*



Fonte: Jornal Correio Official, ano LXI, n. 193, 26 out. 1918, p. 9.

O texto tem início com a notícia alarmante de que a “influeza hespanhola” continuava se alastrando pelo território brasileiro, “[...] já tendo atingido as capitães de varios Estados e até cidades do interior, nomeadamente Uberaba cujos estabelecimentos de inscrução, segundo telegrammas, estão ja fechados”. Em seguida, informa que a “carreira vestiginosa” da doença “[...] não poderá ser interdicta pela sciencia medica, dados os caracteres especiais da molestia” e arremata: “[...] Não é certamente a mortali-

dade que causa assombro visto ser esta diminuta, mas sim a quantidade dos doentes e a intensidade da propagação do mal” (A INFLUEZA, 1918, p. 9).

No curso da composição narrativa, o artigo apresenta oito questões relativas à influenza espanhola, quais sejam: 1) é uma gripe; 2) é uma doença secular pandêmica que ao longo da história percorre o globo terrestre; 3) o primeiro sintoma é a intoxicação profunda do sistema nervoso; 4) é altamente difusível, contagiosa e mórbida; 5) está presente em todo o planeta; 6) não há como impedir o contágio; 7) são necessárias medidas de profilaxia individuais e isolamento social; 8) tanto os que não acreditam nos males da gripe quanto os que dela nutrem muito medo podem ter a resistência do organismo diminuída, abrindo as portas para a infecção. (A INFLUEZA, 1918).

Ao dissertar sobre tais aspectos da gripe espanhola, o texto expõe análises que, resguardadas as diferenças históricas, têm muitas semelhanças com a conjuntura vivenciada pela humanidade em 2020, especialmente no que diz respeito à necessidade do isolamento social e nas dificuldades de se cumprir os protocolos médicos e científicos no que tange à tal medida, considerada necessária e eficaz para frear a contaminação:

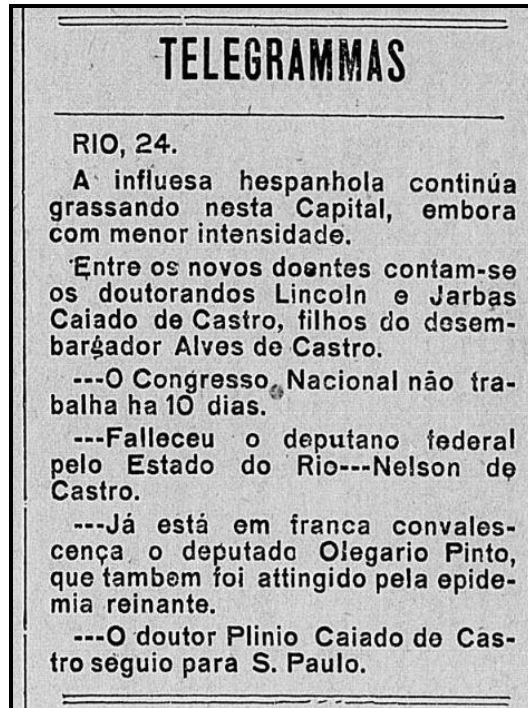
Em sua marcha caprichosa e vagabunda a influenza ou gripe tem até agora em todos os países menosprezado todos os regulamentos, todas as medidas administrativas e todas as quarentenas. O mais a que pôde o higienista aspirar e preservar o limitado agrupamento humano, como enfermarias, prisões, collegios, etc. O isolamento eficaz em geral em todas as doenças contagiosas é irrealizável na gripe epidêmica, a menos que se interrompam por tempo longo todas as relações sociais e todos os contatos dahi oriundos. A gripe ou influenza epidêmica, é portanto doença obicuitaria inaquiescível às medidas profilaxias internacionais (A INFLUEZA, 1918, p. 9).

No que concerne especificamente às medidas de profilaxia individual, o que se recomendou foi a “[...] rigorosa desinfecção da boca e das fossas nasais”, além da aplicação da vacina contra a varíola. Todavia, o que salta mesmo aos olhos é o apelo em prol do isolamento social, com suspensão das atividades coletivas, bem como o cumprimento dos protocolos em relação à quarentena o que, segundo o texto, não estaria ocorrendo em nível global.

A leitura desse exemplar do jornal *Correio Oficial* indica que, em outubro de 1919, a gripe espanhola já era pandêmica, o que pode ser constatado, principalmente em virtude da quantidade de notícias, textos e informes sobre o assunto. Um exemplo pode

ser visualizado na seção “Telegrammas”, que comumente trazia notícias de outras regiões do país. Nesta edição, dos seis telegramas recebidos do Rio de Janeiro, então capital federal, cinco dissertavam sobre temas relativos à doença:

Figura 3: Notícias sobre o contágio da gripe espanhola

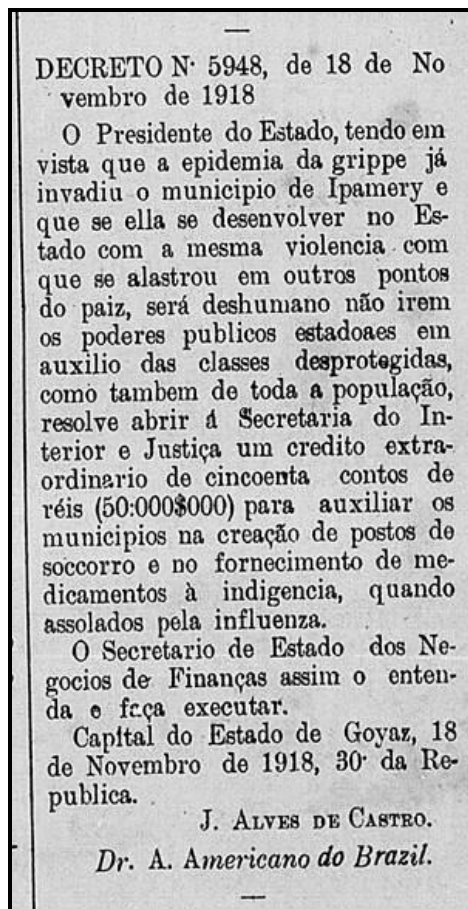


Fonte: *Jornal Correio Official*, ano LXI, n. 193, 26 out. 1918, p. 9.

Ao percorrer o acervo do *Correio Official* percebe-se que as notícias locais também indicavam grande contaminação no território goiano. Na edição número 198, que circulou em 30 de novembro de 1918, existe um comunicado do juiz de direito Odorico Gonzaga acerca da suspensão de inúmeras atividades do judiciário goiano em virtude do surto da gripe espanhola que havia acometido o juiz de Jaraguá e até mesmo inviabilizado a realização de júri no prédio da cadeia pública de Catalão porque tanto os presos quanto os praças aquartelados estavam atacados pela enfermidade (GONZAGA, 1918). Nesse mesmo exemplar, consta uma informação repassada por Luz Vieira, juiz de direito da cidade de Ipameri, afirmando que naquela localidade existiam cerca de 1.800 pessoas infectadas pela gripe espanhola, a metade da população (VIEIRA, 1918). Na edição seguinte, datada de 7 de dezembro, em virtude da epidemia constatada em Ipameri,

o jornal publicou um decreto no qual o Presidente do Estado J. Alves de Castro liberou uma verba de cinquenta contos de réis para que fossem criados postos de socorro e fornecimento de medicamentos nos municípios afetados:

Figura 4: Auxílio emergencial aos municípios goianos para postos de socorro e medicamentos durante a pandemia da gripe espanhola



Fonte: *Jornal Correio Oficial*, ano LXI, n. 199, 7 dez. 1918, p. 3.

De acordo com Oliveira (2020), os registros da pandemia em Ipameri e Catalão tem as suas razões históricas, visto que a primeira localidade goiana atingida pela gripe espanhola foi Ipameri, cidade que desde 1913, vivenciava um crescimento econômico em virtude da implantação dos trilhos da estrada de ferro. A proximidade geográfica com Ipameri e a interligação com a ferrovia fez com que a enfermidade também chegasse a Catalão, o que levou a Cidade de Goiás a criar barreiras sanitárias para impedir o acesso de doentes, além de distribuir desinfetante aos pobres. Porém, o autor destaca

que as medidas foram ineficazes, visto que, de janeiro de 1919 em diante, a moléstia espalhou-se por diversos municípios goianos, incluindo a capital.

Os conteúdos do jornal *Correio Oficial* indicam que, com o crescimento da contaminação, o fechamento de atividades coletivas e as medidas de isolamento social acabaram impondo-se sobre a própria iniciativa pública, a exemplo das escolas que, desde o final de 1918, foram fechadas com aprovação sumária dos alunos ao ano seguinte (PROJECTO, 1918, p. 11).

A última edição do *Correio Oficial* de 1918 atesta o que Oliveira (2020) pontua: a gripe espanhola estava alastrando-se pelo Estado de Goiás sem controle e, em várias localidades, quase toda a população, independentemente de classe social, estava atacada pela patologia. Em contrapartida, o governo estadual liberava verbas para que os municípios pudessem acudir, de forma emergencial, a demanda que o sistema de saúde não comportava. Uma súplica do Intendente Municipal de Santa Rita do Paranahyba (hoje Itumbiara) que foi veiculada nesse número do jornal é bastante ilustrativa:

SANTA RITA 23 – Exmo. Presidente Estado Goyaz. Cidade, Municipio, invadido gripe. População quase toda já atacada. Medicos, farmacêuticos, todos gripados, sendo necessario chamar medico Uberabinha. Já organizamos hospitais para pobreza, que soffre horrorosamente. Rogamos a v. exa. auxilio 3:000\$000, para attender despezas impreseindiveis remédio, alimentação, pobreza. Confiados, aguardamos vossas energicas providencias, rogando ser fornecido pela Recebedoria Ponte. (a) *Militão*. Intendente Municipal (MILITÃO, 1918, p. 12)

A resposta, veiculada na mesma edição do jornal, concedeu à cidade a quantia solicitada pelo Intendente Municipal com base no já citado decreto n. 5948, de 18 de novembro de 2018. Ainda a respeito do apelo do dirigente de Santa Rita do Paranahyba, é salutar perceber que, tal como ocorre com a Covid 19 em 2020, os profissionais de saúde sofreram grave contaminação e a população mais pobre foi muito afetada não só pela doença, como também no que concerne às necessidades básicas de sobrevivência.

4. Considerações finais

As narrativas dos veículos de comunicação e de jornalismo são produtos históricos com referência social e cultural e, por isso, são considerados registros documentais que perenizam narrativas, discursos e memórias. O registro do cotidiano, uma das mais importantes funções do fazer jornalístico, adquire caráter histórico, independentemente da angulação que formata as narrativas e edificam os discursos. Desse modo, mais do que perpetuar acontecimentos, a atividade jornalística alcança memórias e significações que, muitas vezes, ultrapassam o explícito e a própria temporalidade.

Uma das mais prósperas fontes de história está na memória, composta por registros sensíveis do que determinado acontecimento ou momento representou para agrupamentos sociais e pessoas em dados momentos históricos. Justamente por conter dimensões individuais e coletivas é que Halbwachs (2004, p. 71) afirma: “[...] os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas que eles representam em correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo”.

No presente estudo investigou-se nas narrativas presentes no jornal *Correio Oficial* no ano de 1918, especificamente no que concerne à pandemia de gripe espanhola em Goiás. Pelo exposto, é possível considerar inúmeros quadros de memória que se repetem no tempo contemporâneo, no qual o ano de 2020 foi assolado pela infestação da Covid-19. Inicialmente, salta aos olhos a desinformação sobre a doença, que abarca também a sua origem (que não é na Espanha), bem como o modo como a mesma se propagou pelo mundo através das redes de transporte que, naquele tempo, era marítimo. Internamente, foram as ferrovias que espalharam o vírus pelas regiões e localidades do país, sendo que o mesmo chegou – e se alastrou – em Goiás justamente pela estrada de ferro.

Implantada a doença, o jornal *Correio Oficial* tratou de repercutir informações que levassem o público a compreender o que estava acontecendo, bem como a tomar as medidas sanitárias necessárias para a contenção da gripe. É salutar o registro de que o impresso fez inúmeros discursos em prol do isolamento social e da quarentena, combatendo o negacionismo e o ceticismo que pairavam sobre a população goiana no que concerne aos males da gripe espanhola. Finalmente, destacam-se a contaminação entre os profissionais de saúde e a população mais pobre, bem como as medidas emergenciais do

poder público para socorrer as localidades que abriam postos de socorro, distribuíam medicamentos e auxiliavam na alimentação dos que mais precisavam.

O contato com as narrativas do *Correio Oficial* sobre a gripe espanhola é reveladora da permanência de temáticas que não foram superadas pela humanidade, pois, um século depois, cá estão os veículos de jornalismo fazendo campanhas com o objetivo de esclarecer a população acerca dos protocolos necessários para conter a disseminação da Covid 19, bem como as alas negacionistas, o auxílio emergencial do governo e até mesmo as notícias falsas que, conforme pontuado, já circulavam em 1918. É a história, num novo espaço e tempo, com as repetições que lhe são peculiares.

Referências

- A INFLUEZA. *In: Jornal Correio Oficial*, Cidade de Goiás, ano LXI, n. 193, 26 out. 1918, p. 9.
- GONZAGA, Odorico. Jury. *In: Jornal Correio Oficial*, Cidade de Goiás, ano LXI, n. 198, 30 nov. 1918, p. 9.
- GOULART, A. da C.: Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 101-42, jan.-abr. 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LOBO, José. **Contribuição à História da Imprensa Goiana**. Goiânia: [s.n.], 1949.
- MILITÃO. Santa Rita do Parnahyba. *In: Jornal Correio Oficial*, Cidade de Goiás, ano LXI, n. 202, 28 dez. 1918, p. 12.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In: _____* (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 9-31.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. *In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 143-167.
- OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. A Gripe Espanhola em Goiás. **ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005**. Disponível em:

https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206571_cd3d4b52ceddf917f56721c4fc228ba4.pdf. Acesso em 24 jul. 2020.

_____. Gripe espanhola em Goiás: primeira cidade atingida foi Ipameri. Morreram 38 pessoas em 17 dias. In: **Jornal Opção**, Goiânia, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/gripe-espanhola-em-goias-primeira-cidade-atingida-foi-ipameri-morreram-38-pessoas-em-17-dias-242876/>. Acesso em 21 jul. 2020.

PINA FILHO, Braz W. Pompêo de. **Goiás: história da imprensa**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1971.

PROJECTO na Camara. In: **Jornal Correio Oficial**, Cidade de Goiás, ano LXI, n. 199, 7 dez. 1918, p. 11.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa III: O Tempo narrado**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROCHA, Juliana. Pandemia de gripe de 1918. In: Fundação Oswaldo Cruz, 16 jun. 2006. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7&fbclid=IwAR1zP5DQMTkkHgk2ZRXNrxsJm2Fj1xKUZEQP8Z5BbwmY96FsIBbJzw0y-4>. Acesso em: 24 jul. 2020.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p. 945-972.

TELES, José Mendonça. A imprensa goiana: síntese histórica. In: ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. **Imprensa goiana: depoimentos para sua história**. Goiânia: CERNE, 1980.

_____. **A Imprensa Matutina**. Goiânia: CERNE, 1989.

VIEIRA, Luz. Influenza hespanhola. In: **Jornal Correio Oficial**, Cidade de Goiás, ano LXI, n. 198, 30 nov. 1918, p. 2.

WILLIAMS, Raymond. **La Larga Revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.